

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO SERIADO *MARVEL'S JESSICA JONES*: contribuições da mídia e da cultura *pop* no combate da violência contra as mulheres

Aline Alves Veleda*
Lidiellen Eich**
Débora Fernandes Coelho***
Alexandre Almeida****

Resumo

O trabalho objetivou analisar como um dispositivo midiático e de cultura popular, o seriado *Marvel's Jéssica Jones*, aborda a violência de gênero e como pode contribuir com o debate sobre a temática. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório-descritivo a partir de análise de imagens e discursos. Destacaram-se alguns temas: transtorno do estresse pós-traumático, estereótipos de gênero e a relevância da sororidade feminina. A abordagem dada à violência contra a mulher no seriado oportunizou a discussão de temas relevantes, mostrando-se como um dispositivo midiático de alcance abrangente, cooperando na formação de opiniões a respeito dos papéis das mulheres na sociedade e na prevenção e enfrentamento da violência.

Palavras-chave: gênero, violência, mídia, representatividade.

Abstract

The paper aimed to analyze how a media and popular culture device, the series *Marvel's Jéssica Jones*, addresses gender violence and how it can contribute to the debate on the subject. It is a qualitative, exploratory-descriptive study based on images and speech analysis. Some issues were highlighted: posttraumatic stress disorder, gender stereotypes and the relevance of female sorority. The approach taken to violence against women on the television series has facilitated the discussion of relevant issues, proving to be a broad-based media device, cooperating in forming opinions on the roles of women in society and in preventing and coping with violence.

Keywords: gender, violence, media, representativeness.

*Graduação em Enfermagem e Obstetrícia (2004) e Mestrado em Enfermagem (2006) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Doutorado em Enfermagem (2015) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Especialização em Cuidado Pré-natal (2015) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atua como Professora Adjunta na UFCSPA desde 2012, realizando atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de Saúde Materno-Infantil, Gênero e Direitos Humanos.

**Graduada em Enfermagem na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Residente Multiprofissional com ênfase em Atenção Básica no Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA)

***Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestrado em Enfermagem e Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialização em Enfermagem em Cuidado Pré-Natal pela Universidade Federal de São Paulo. Especialização em Gênero e Sexualidade pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialização em Enfermagem Obstétrica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente é Professora Adjunta nível IV e Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.

****Possui Doutorado em Letras (Linguística Aplicada) e Mestrado em Letras (Aquisição da Linguagem) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É especialista em Gênero e Sexualidade (Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ) e em Língua Inglesa (Centro Universitário La Salle). Atua como professor adjunto na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. É um dos líderes do Grupo de Pesquisa Ciências da Linguagem - GPCL. Coordena, ainda, o Núcleo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Saúde - EGSS (UFCSPA).

Introdução

A violência contra a mulher é um fenômeno social persistente, complexo e múltiplo com particularidades psicológica, moral e física. Envolve o uso da força real ou simbólica por outrem. A vítima apresenta alguns sinais como medo, isolamento, dependência e intimidação a partir de relações de submissão e poder. A violência contra a mulher é, portanto, um fenômeno que pode ser compreendido a partir de fatores sociais, históricos, culturais e subjetivos (GUIMARÃES, 2015; BANDEIRA, 2014).

Esse fenômeno também pode ser chamado de violência de gênero, violência essa influenciada por aspectos culturais. Afinal, o corpo genereficado é uma construção de ideais culturais a partir do sexo biológico que concede uma concepção do que é ser homem e mulher dentro da sociedade. Essa construção de gênero começa desde cedo, na família, na escola e em outras tantas instâncias sociais, sendo influenciada por jogos, brinquedos, mídia, discursos e espaços de convivência. No momento em que as mulheres optam por quebrarem alguns hegemônicos padrões que são construídos nessas relações, tornam-se vulneráveis a serem vítimas de violência. (NATT, 2016; SILVA, 2016; BANDEIRA, 2014; SALVA, 2012).

As mulheres cada vez mais obtêm espaços na sociedade, entretanto, ainda existe um caminho a percorrer pela busca de seus direitos e pela igualdade de gênero. Para que isso ocorra, é imprescindível desmitificar o processo de naturalização em que o público pertence ao homem e o privado à mulher (BACCEGA, 2016). Afinal, os ideais históricos influenciam no que é aceito culturalmente para a sociedade, dessa forma, quando são observadas as identidades e as funções realizadas pelas mulheres, é possível verificar uma naturalização, o que implica o papel de submissão sem questionamento, uma vez que esse papel nem sempre é percebido por elas.

A mídia também vem se modificando para conseguir representar a realidade, e ela vem trabalhando e apresentando personagens femininas em diversos

contextos que influenciam diretamente nos ideais culturais da sociedade. Um exemplo atual disso é a série *Marvel's Jessica Jones*, lançada em 2015 e exibida no *Netflix*¹ em duas temporadas, as quais relatam a história de uma super-heroína independente, interpretada pela atriz Krysten Ritter, que após uma parte trágica da sua vida, reconstrói sua carreira e passa a levar a vida como detetive particular em Nova York. Ela sofre de Transtorno do Estresse Pós-Traumático, pelo fato de ter vivenciado eventos violentos, e tenta fazer com que seus poderes passem despercebidos pelos seus clientes. Entretanto, um obsessivo vilão, responsável por uma parte trágica de sua vida, volta a persegui-la. (JONES, JESSICA; MARVEL UNIVERSE WIKI, 2016).

Partindo de uma realidade midiática e da cultura popular, o presente trabalho analisou a série *Jessica Jones* e buscou problematizar, a partir de um dispositivo midiático, a violência contra a mulher e a importância da sua discussão nos diversos âmbitos da vida, em especial no âmbito da saúde. A discussão dessa temática a partir do seriado é uma oportunidade de debater esse assunto por meio de dispositivos de comunicação, os quais atingem muitas pessoas e influenciam nos modos de ser e estar na sociedade, veiculando discursos sobre o feminino. Trabalhar no âmbito da utilização da mídia e da cultura *pop* colabora para que seja possível realizar uma reflexão acerca da complexidade da violência contra a mulher e assim, pensar em práticas que possam contribuir para o empoderamento das vítimas e a ruptura de ciclos de violência, utilizando estratégias que atinjam populações mais jovens.

Segundo Magalhães (2014), a mídia é um espaço significativo que produz e veicula discursos que contribuem de forma decisiva para naturalizar e normalizar padrões socialmente aceitos. O que torna relevante discutir esse tema a partir deste seriado é a sua abordagem direta para o público jovem e adultos, possibilitando reflexões e possíveis mudanças no que concerne ao modo de ser feminino socialmente aceito. Ademais, é de extrema relevância a realização de trabalhos que abordem o tema da violência contra a mulher, uma vez que não é mais um assunto do âmbito

¹ Serviço pago que disponibiliza, dentre outros produtos audiovisuais, séries e filmes, por meio de *online streaming on demand*.

privado, pois estatísticas indicam que essa violência vem aumentando, mesmo após o incremento de políticas públicas e, em especial, desde o início do ano de 2019.

O artigo possui duas preocupações distintas: Como as mulheres vêm sendo representadas na cultura *pop* atual, principalmente nos dispositivos midiáticos de alcance aos jovens e adultos jovens? Como utilizar esses mesmos dispositivos na construção de debates, em reflexões e no auxílio a novas formas de educação popular destinadas ao combate da violência contra as mulheres no Brasil? Para isso analisamos de que forma a violência de gênero é abordada no seriado *Jessica Jones* e como a série pode contribuir com o debate sobre a temática no âmbito da saúde e violência. Discutiremos os dados na perspectiva de gênero e saúde, com vistas à defesa dos direitos das mulheres, dos direitos humanos e da vida, articulando esses saberes com as possibilidades de utilização de dispositivos midiáticos para a educação, para a luta e para a resistência.

Violência Contra a Mulher, Mídia e Representações de Gênero

A violência contra a mulher é um tema que causa preocupação mundial, pelo fato de ocasionar danos à saúde, tanto individual, como coletiva, além de causar grande impacto na morbimortalidade em toda a sociedade (MENEZES, 2014). Entende-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais, por conseguinte, são interpessoais e ocorrem em cenários diferentes, como no âmbito privado-familiar ou em espaços de trabalho e públicos, a partir de violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais (BANDEIRA, 2014). Além disso, é importante discutir a violência contra a mulher indo além das demonstrações de violência, debater as suas dinâmicas de poder e suas formas de resistência, por isso, deve-se associá-la a abordagem de gênero (DUARTE, 2015).

Partimos da definição de gênero de Connell; Pearse (2015) para quem “gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam”, devendo ser entendido como uma estrutura social que envolve uma relação específica com os corpos. Para as autoras não há uma base biológica fixa para o processo social de gênero, mas sim espaços onde os corpos são

trazidos para processos sociais e onde suas condutas apresentam relações com as diferenças reprodutivas. Assim, gênero diz respeito aos modos como as sociedades lidam com os corpos e como esse “lidar” traz consequências para as vidas individuais e coletivas (CONNEL; PEARSE, 2015).

O corpo genereficado é construído a partir de uma interpretação política e cultural dos corpos biologicamente estabelecidos (NATT, 2016). É imprescindível compreender como as dimensões de gênero estão estruturadas no subjetivo de homens e mulheres e na organização de relações sociais estabelecidas a partir de desigualdades de poder que geram a violência contra a mulher (GUIMARÃES, 2015).

Fatores históricos e culturais que consideram a violência assunto privado tornam os processos de debate e de combate ainda mais complexos, pois naturalizam suas práticas e responsabilizam as mulheres pelas causas da violência e pelas consequências da sua denúncia (PASINATO, 2015). Sem contar os motivos apreendidos pelas mulheres que dificultam o rompimento do círculo da violência, como sentimentos socioculturalmente construídos e disseminados: a esperança de que o agressor mude seu comportamento, o medo de novas agressões, represálias, a perda da guarda dos filhos, a censura da família e da comunidade e a dependência afetiva e econômica (BANDEIRA, 2014).

Muitos são os fatores que contribuem para a naturalização dos papéis femininos e masculinos e, dessa maneira, perpetuam constructos sociais que solidificam e naturalizam também as violências de gênero. Dispositivos midiáticos de alcance abrangente e que englobem a cultura *pop* moderna são alguns dos que produzem ou reproduzem imagens, símbolos, ideias e conceitos sobre o que é ser e viver mulher na atualidade, sendo alguns deles: personagens de jogos eletrônicos, filmes, seriados, quadrinhos, contos e histórias populares. (XAVIER FILHA, 2011; MENDES, 2008; MUNGÍOLI, LÍBERO, 2014; FRIEDRICH, 2015; PENKALA, PEREIRA, EBERSOL, 2015).

As formas de constituir o masculino ou o feminino são demarcadas e construídas socialmente, compartilhadas

pelos sujeitos, e a cultura midiática possui um papel importante nessas construções (LOURO, 2000; XAVIER FILHA, 2011; PEREIRA, PENALVA, 2014). A mídia é um ambiente com múltiplas distrações, apresenta formas específicas de narração e de organização. Constitui-se a partir de segmentos que formam um conjunto coerente de sons e imagens, com uma duração um tanto curta, criando tramas e enredos, sempre adiando a sua resolução final. As imagens transmitidas estabelecem uma relação de dependência com o som. Os eventos que ocorrem tendem a parecer como representações de um mundo cotidiano cuja percepção é dada a partir do olhar do telespectador (ROCHA, 2013).

Os sujeitos se apropriam das imagens conforme suas práticas e ressignificam as mensagens lhes dando novos sentidos (BACCEGA, 2016). Para isso é preciso identificar em que ponto os discursos dos sujeitos tornam-se ações, as quais os sentidos atribuídos a estes discursos exprimem não apenas o que pensam, mas traduzem o que sabem e as estruturas que colocam em ação. Isso implica em compreender o discurso como algo essencialmente histórico, constituído de elementos reais, devendo ser analisado em um tempo específico, como uma rede de enunciados e relações que tornam possíveis diferentes significados. O discurso, portanto, reúne elementos que criam e recriam ideias, mas também as colocam em produção e aplicação, definindo saberes, determinando funções e formas de comportamento ao decorrer da história (FOUCAULT, 2008).

Partindo dessa compreensão, a mídia age como uma esfera na qual se transmite conhecimentos e valores, além de poder ser considerada como a instituição que atinge de forma mais efetiva o maior número de pessoas em todo o mundo. Portanto, tem uma influência na construção de identidades (KYRILLOS, 2010). No que diz respeito à mulher, a mídia representa a sua figura construída através de estereótipos que preservam a dominação masculina, contribuindo para a preservação de um discurso que dissemina a manutenção dessa dominação. É um processo histórico com um caráter natural e é essa naturalização que se firma como correta na sociedade (BACCEGA, 2016). As representações possibilitam a circulação de representações de mulheres

objeto de desejo sexuais dos homens e mulheres mercadoria para consumo masculino. Essas condições se tornam ainda mais potencializadoras desses significados a respeito das mulheres quando encontram posturas ainda patriarcais e machistas no cotidiano. Logo, o corpo acaba por se tornar uma propriedade material, publicitária e muito rentável ao qual a mídia dita à uniformidade. (BLOEDOW, 2015; NASCIMENTO, 2014).

A linguagem da mídia descreve e torna visível aspectos sociais e culturais, além de construir ou contribuir para a perpetuação das representações. Assim, no momento em que são evidenciadas as características como as masculinas ou femininas, há a possibilidade de repensá-las e redefini-las, visto que são construções que surgem a partir de representações existentes na sociedade e cultura. Portanto, os discursos midiáticos podem reforçar a manutenção da dominação masculina a partir de discursos machistas e figuras estereotipadas, mas também podem se constituir enquanto agentes potentes para mudar essa realidade. Afinal, a publicidade e a comunicação são centrais na sociedade contemporânea e devem ser responsáveis para a construção de um mundo igualitário. (BACCEGA, 2016; LAHNI, 2016; KYRILLOS, 2010).

Pensando nessa perspectiva, surge o seriado *Marvel's Jéssica Jones*, muito comentado por ter chamado bastante atenção pelas suas peculiaridades, afinal, é um seriado de super-heroína com a personagem principal feminina. É uma série discutida entre os jovens, de caráter feminista, nos quais comenta-se que *Jessica Jones* é um seriado de super-heroína incomum, por não seguir justamente o padrão masculino de força e heroísmo. São histórias masculinas com o personagem principal capaz de superar incríveis dificuldades, com coragem e determinação, vencendo o mal no final. Heróis são sempre mais fortes e mais ágeis, em sua maioria, homens. Então quem seria Jéssica Jones? E por que a sua força e inteligência mobilizaram tanto a sociedade? E, principalmente, por que foi na perspectiva da luta contra a violência de gênero que justamente os debates se instalaram?

Se a mídia é capaz de instituir um debate tão potente nas redes sociais, salas de aula e grupos de amigos e familiares, ela também é capaz de produzir

transformações consideráveis nas representações de feminino e masculino na sociedade. E se a mídia consegue possibilitar essas transformações, obviamente podemos pensar nos potenciais de seu no debate sobre a violência contra as mulheres, instituindo assim novas formas de reflexão que utilizem o universo da cultura *pop* moderna como uma estratégia de luta.

Quem é Jéssica Jones? Representações Femininas e de Violência No Seriado

Para realizar a análise dos dados, foram assistidos todos os episódios da primeira temporada da série Jessica Jones e selecionadas diversas cenas que abordassem de alguma forma questões envolvendo a violência de gênero, buscando a discussão sobre as potenciais implicações para o debate mídia/sociedade/saúde. As cenas escolhidas foram assistidas inúmeras vezes durante a análise, sendo selecionadas imagens ou discursos para serem analisados. Esse processo teve como etapas metodológicas: leitura, interpretação e conclusão. Para realizar a análise, foram observados os seguintes aspectos: 1) Contexto: os acontecimentos observados nas cenas; 2) Personagem: a participação na ação, a forma como reagem aos acontecimentos e a interação que ocorre entre os personagens; 3) Trilha sonora: as músicas que definem o tom da ação; 4) Encerramento: como acontece a finalização da cena e como as dificuldades apresentadas pelos personagens são solucionadas ou não; 5) Discurso: as falas dos personagens.

Os objetos de análise neste trabalho foram as imagens do seriado Jessica Jones que tratem sobre a temática da violência de gênero, bem como os discursos das personagens envolvidas nas cenas escolhidas. Para analisar a imagem, foram utilizadas as considerações de Joly Martine (2007), a fim de compreender os conceitos e decifrar as significações que são implicadas pelas mensagens visuais. Já para os discursos, foram analisadas as falas que tratam sobre a violência de gênero. Essas foram transcritas em forma de texto para a possível leitura com a ajuda do instrumento de análise construído pelas pesquisadoras e analisadas a partir da concepção de poder de Michel Foucault. (FOCAULT, 2007).

Foram respeitados os princípios éticos para a análise da série, considerada uma propriedade intelectual do serviço Netflix, para o qual os direitos autorais são protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, vigente no Brasil. Além disso, o projeto foi enviado para a Comissão de Pesquisa da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, sendo aprovado para realização 033/2017. Por meio do estudo das imagens e dos discursos, chegamos a algumas categorias de discussão relevantes para a proposta deste trabalho, sendo elas: o transtorno de estresse pós-traumático pós-violência, os estereótipos de gênero discutidos no seriado e a relevância da sororidade feminina como potencial de superação para os traumas oriundos da violência. Apresentamos partir de agora a discussão destas categorias.

O Transtorno do Estresse Pós-Traumático relacionado à Violência Contra a Mulher

A violência contra a mulher ocasiona graves consequências físicas e mentais, sendo assim, um problema de saúde pública. Dentre as consequências já evidenciadas desta violência, está o transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) (FELIPPE, 2016). O TEPT está relacionado a ocorrência de traumas e/ou eventos estressores, nos quais os sujeitos vivenciam intenso sofrimento psicológico, podendo, após o evento traumático, permanecerem cicatrizes emocionais que alteram seu nível de funcionamento ou sua qualidade de vida. Trata-se da avaliação do quanto ameaçador foi determinada vivência traumática e que sintomas surgiram a partir desta experiência, sendo, atualmente, um conceito com o qual devemos cada vez mais lidar em virtude das tantas exposições à violência que vivemos presenciando em nossos cotidianos (SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018. SCHESTATSKY; SHANSIS; CEITLIN; ABREU; HAUCK, 2003)

Na série, Jessica Jones, personagem principal, foi vítima de violência doméstica por parceiro íntimo, sendo praticados contra ela a violência psicológica e o estupro. Após esses eventos traumáticos, Jéssica apresentou TEPT, iniciou terapia, mas não manteve esse cuidado por muito tempo. Ela é autônoma, trabalha como investigadora particular, ingere muitas bebidas alcoólicas e tem dificuldades para dormir. Tenta seguir em frente, acredita que seu abusador, o personagem

intitulado Kilgrave, tenha falecido, mas o passado ainda a atormenta através de pesadelos. É uma mulher forte, independente e tem superpoderes; entretanto, é volátil com seus sentimentos e insegura, muitas vezes não acreditando em si mesma, além de ter uma baixa autoestima.

No contexto da cena da Figura 1, Jessica tem muita dificuldade para dormir, então, na noite, ela pega a sua câmera, bebida e sai para “espionar” a vida alheia, como uma forma de distração. E quando ela fecha os olhos, aparece o “fantasma mental”, o abusador, o que modifica o seu estado e ela passa por um estado momentâneo de pânico. A cena acontece num local escuro, ela está sozinha e tem uma crise após o pesadelo. É perceptível a sua face de pavor e medo, além disso, ela segura fortemente a grade, a qual fica apertando e soltando durante a cena, sinais que transmitem medo, angústia e sofrimento. A trilha sonora é sombria e mostra a tensão e desespero da personagem. Essa forma de narrativa colabora com a interpretação da ação, de acordo com o imagético, transmitindo emoções, percepções e expectativas individuais ao espectador (BORGES, 2013).

Figura 1 – Crise do transtorno do estresse pós-traumático. Série Marvel’s Jéssica Jones, Netflix

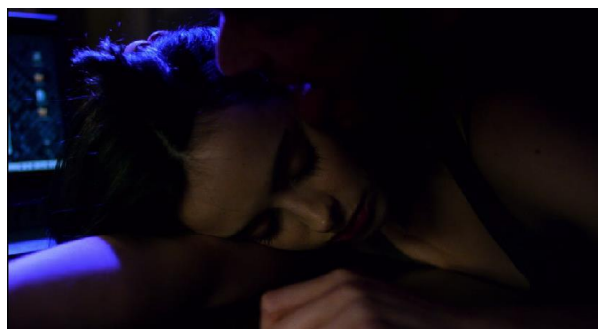


Jessica tem alguns episódios de crise durante a série. Ela apresenta claramente os sintomas do TEPT como pesadelos, medo, ansiedade, dificuldade para dormir, baixa autoestima e pessimismo (SOUZA; VIZZOTTO; GOMES, 2018; FELIPPE, 2016). Uma forma que ela encontrou para lutar contra isso foi o abuso de bebidas alcólicas, o que se caracteriza na série como um refúgio para os sintomas do estresse.

No contexto da cena da Figura 2, após beber muito, Jessica dorme em cima da mesa, e revive mais uma vez a imagem do seu abusador, só que dessa vez, tocando-a

sem a sua permissão. Novamente, em um cenário escuro e com uma trilha sonora que causa ao espectador uma tensão e uma sensação de que algo ruim vai acontecer. Então, Kilgrave lambe o seu rosto; nesse momento o barulho emitido pela lambida se sobressai em relação à trilha sonora, isso torna a ação mais real e assustadora, induzindo a uma sensação de medo no espectador. Ao seguir da cena, ela acorda desesperada, chora e tem mais uma crise.

Figura 2 – Pesadelo com o agressor. Série Marvel’s Jéssica Jones, Netflix



São escassos no Brasil, os estudos que associam o TEPT com a violência contra a mulher. Alguns estudos como os de Hatzenberger (2010), Mozzambani (2011), Gomes (2012), Souza (2013) e Felipe (2016) referem que o transtorno causa prejuízo social, funcional e ocupacional. Hatzenberger (2010) avaliou 17 mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo, identificando que 76,5% apresentaram sintomas compatíveis com o diagnóstico de TEPT. O estudo de Mozzambani (2011) também obteve um resultado parecido entrevistando 17 mulheres que deram entrada em uma delegacia da mulher com queixa de violência doméstica no período de 2008 a 2009. Ao observar os dados clínicos, identificou-se que 76% tiveram grande probabilidade de apresentar o TEPT. Felipe (2016), realizou um trabalho com uma amostra de 41 mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo que recorreram à Delegacia de Orientação e Proteção à Família no primeiro semestre de 2013. Foram rastreados os sintomas do TEPT e se pode observar a prevalência de possíveis casos do transtorno em 82,9% das mulheres entrevistadas.

Como é exemplificado no seriado Jessica Jones e como alguns trabalhos mostram, o TEPT apresenta uma elevada sintomatologia de revivência, evitação,

excitabilidade e ansiedade. Além disso, também é associado ao transtorno o abuso de álcool e drogas, como forma de diminuição da ansiedade e de repressão das memórias traumáticas; isso também se pode perceber ao assistir a série, pois Jessica faz uso abusivo de álcool para que assim seja possível fugir, por alguns instantes, do trauma que viveu e que ainda a atormenta através de pesadelos.

Sobre isso, ressalta-se a significativa associação entre o TEPT e o aumento do uso de álcool e outras drogas com objetivo de aliviar os sintomas decorrentes do transtorno. O consumo e o abuso de álcool serviriam como fuga do estresse cotidiano, dos problemas afetivos e como alívio momentâneo do estresse (MOURA et al, 2013; DANTAS, 2008). Em relação à comorbidade entre o TEPT e o abuso e dependência de álcool e drogas (ADAD), na população feminina, 26,9% das mulheres diagnosticadas apresentavam ADAD quando comparadas com 7,6% das mulheres que não tinham o transtorno (KESSLER ET AL., 1995).

Especificamente em relação à violência contra as mulheres, pesquisas recentes têm aumentado a compreensão dos profissionais de saúde sobre sua ocorrência e conexões com uso, abuso e dependência de substâncias psicoativas pelas vítimas. Dessa maneira, a identificação precoce da comorbidade entre o transtorno e o ADAD é fundamental para o atendimento adequado às vítimas de situações traumáticas, para que sejam minimizadas as chances da ocorrência do TEPT, bem como a associação do quadro com o ADAD. (MOURA et al, 2013; FLACSO, 2012; DANTAS, 2008; ZILBERMAN, 2005).

Portanto, como os estudos apresentados identificaram, existe relação entre o TEPT e a violência contra a mulher. A violência contra a mulher pode gerar patologias e déficits em funções cognitivas, tendo consequências físicas, psicológicas e sociais, devendo ser tratada como um problema social e de saúde pública que atinge cada vez muitas mulheres e de formas cada vez mais graves. (FELIPPE, 2016; SOUZA, 2013; GOMES, 2012; MOZZAMBANI, 2011; HATZENBERGER, 2010).

Estereótipos de Gênero e representações em Jéssica Jones

A generificação do corpo começa dentro das famílias com pequenas atitudes as quais estimulam esses papéis desde o descobrimento do “sexo” de um bebê. (NATT, 2016; SILVA, 2016; BANDEIRA, 2014; SALVA, 2012). Essa construção de gênero consiste em determinar o que é ser feminino e o que é ser masculino. Espera-se que alguém do sexo feminino tenha as características de passividade, fragilidade, emotividade, delicadeza, sexualidade retraída e submissão. Já para o masculino, a dominação, força, libertação da sentimentalidade, sexualidade aflorada e a racionalidade. Isso é construído a partir do que se acredita ser papel de homens e mulheres dentro da sociedade (SILVA, 2016; BANDEIRA, 2014; BRASIL, 2012). O corpo sexuado passa, portanto, a ser socialmente significado no interior de uma cultura, o que revela o processo complexo de construção de gênero, no qual a oposição binária masculino e feminino (dentre outras possibilidades que escapam a essa dicotomia) é marcada por relações assimétricas de poder.

Identificamos, no seriado Jessica Jones, discursos que dizem respeito a essa construção histórica de feminilidades e masculinidades, os quais configuram relações de poder e dominação, logo, a construção social de um gênero sobrepõe ao outro, marcando, geralmente, a inferioridade feminina. Um ideal cultural é considerado natural pela sociedade, portanto, uma construção social justificável, gerando preconceitos que, muitas vezes, não são percebidos por ser considerados naturais. (SILVA, 2016).

No contexto da cena do discurso 01, os pais de Hope, filha desaparecida, procuram Jessica para lhe contratar como investigadora particular por indicação. Vão até sua casa, e enquanto a mãe passa as informações para Jessica, o pai fica preocupado com a porta do apartamento, a qual está quebrada e tenta arrumá-la como se isso fosse a atitude mais importante naquele momento:

Cena 1:

Pai de Hope: “E deixar uma mulher morando sozinha nesta cidade sem tranca e sem porta”.

(Fonte: Seriado Jessica Jones; Temporada 1; Episódio 1; 13 minutos e 48segundos)

Observamos a preocupação do pai de Hope, pois Jessica é uma mulher, e mulheres são consideradas, a partir do que se acredita culturalmente, fracas e vulneráveis, além disso, necessitam de proteção masculina. Ela está em uma situação de risco, visto que sua porta está quebrada e ela mora sozinha, logo, não há ninguém para protegê-la caso precise. Essa proteção vem de um homem que não consegue imaginar o quanto essa mulher é forte.

No contexto da cena 2, após uma crise, Jessica sai de casa com sua bebida. Para na frente do bar de Luke Cage, fica olhando pela janela o movimento lá dentro, mas não entra. Então Luke sai para o lado de fora e vai conversar com Jessica:

Cena 2:

Luke: É noite das mulheres. É uma nova promoção.

Jessica: Não, não é!

Luke: Agora é.

Jessica: Por quê?

Luke: Você é daqui, é atraente e está bebendo sozinha. *Isso costuma atrair clientes.*

(Fonte: Seriado Jessica Jones; Temporada 1; Episódio 1; 22 minutos e 24 segundos a 22 minutos e 33 segundos. Grifos das autoras).

Na cena 2 é possível observar um discurso que objetifica o corpo de uma mulher, já que um bar não é considerado um lugar que mulheres deveriam frequentar, ainda mais sozinhas. Entretanto, ao frequentar, ela é objetificada, como se sua função passasse a ser “atrair” clientes, quase sempre homens, pois são eles os consumidores deste ambiente e deste “produto”.

No contexto da cena 3, após descobrir que Kilgrave está vivo, Jessica começa a fazer algumas investigações, então ela vai ao endereço que ele aparentemente morreu em um acidente no qual foi atropelado por um ônibus. Nesse endereço ela pede informações a respeito do hospital mais próximo para um homem, pois acredita que Kilgrave pode ter sido levado para lá após o acidente. Jessica não é uma mulher simpática, ela sorri pouco e, ao pedir as informações, é bastante séria, sendo determinado a ela um destino só pelo seu comportamento de “não moça”:

Cena 3:

Jessica: Se eu for atropelada por um ônibus, onde fica o hospital mais próximo?

Homem: Fique na calçada e não seja atropelada.

Jessica: Obrigada, eu acho sozinha.

Homem: Ei, todos vão para o Metro-General. Seis quadras naquela direção. (Nesse momento, Jessica vira as costas e sai caminhando na direção que ele falou).

Homem: De nada. *Uma moça rude é uma moça solitária!*

Jessica: Conto com isso.

(Fonte: Seriado Jessica Jones; Temporada 1; Episódio 2; 20 minutos e 26 segundos a 20 minutos e 46 segundos. Grifos das autoras).

São esperadas de uma mulher as características femininas de delicadeza e simpatia, quando Jessica não apresentou isso, o homem com quem conversou lhe disse que ficaria sozinha, como uma condenação por ser e agir dessa forma. Esse discurso estereotipado sugere que as mulheres sempre desejam encontrar alguém para se relacionar, como se isso fosse uma “meta de vida”. Afinal, os discursos circulantes como verdades na sociedade valorizam a construção de uma família de matriz heterossexual e depreciam as mulheres que optam por ficarem sozinhas. Isso acontece porque as pessoas crescem sendo-lhes apresentados quais serão os seus papéis na sociedade, no caso da mulher, o papel da maternidade, dona de casa, assexuada e submissa ao homem (SILVA, 2016).

No contexto da cena 4, Jessica vai pedir ajuda para sua amiga Trish no seu plano que visa deter Kilgrave. Nesse momento, Trish está acompanhada de Simpson, o homem com o qual ela tem um relacionamento. Jessica quer que sua amiga dirija um furgão e ambas estão conversando sobre isso, então, Simpson interrompe a conversa, pois não quer que Trish dirija, quer que seja um outro homem:

Cena 4:

Jessica: Preciso que alugue um furgão e dirija.

Trish: Ainda não tem habilitação? Qual o seu lance com carros?

Simpson: Espere, Trish é a motorista?

Trish: Estou nessa.

Simpson: Não. Um amigo da minha velha unidade vai dirigir.

Jessica: De jeito nenhum!

Simpson: Precisa de alguém treinado, não uma radialista.

Trish: Ontem à noite foi divertido, mas não quero a sua opinião.

Jessica: Eu sei que eu não quero.

Simpson: Está certa, eu extrapolei. Sinto muito.

(Fonte: Seriado Jessica Jones; Temporada 1; Episódio 5; 13 minutos e 57 segundos a 14 minutos e 16 segundos).

A personagem Trish, nesta cena, deixa claro que obviamente pode tomar suas próprias decisões, embasada no seu conhecimento e na sua própria agilidade, não necessitando de outra pessoa, em específico, um homem, que a “dirija” neste momento. Ela é uma mulher que não tem superpoderes, mas é forte, independente, determinada e luta pelo que quer sem medo.

Vislumbramos nos discursos um controle sobre o corpo feminino, o qual é pensado como fraco, delicado e assexuado, tornando-o incapaz de se defender sozinho, de executar determinadas atividades e de sentir desejos. Quando as mulheres optam por serem diferentes e por seguirem caminhos divergentes aos quais foram destinadas, são vistas com estranheza pela sociedade, logo, pressionadas a aceitarem os estereótipos que para elas foram construídos.

Assim, as relações sociais entre homens e mulheres podem ser constituídas a partir de relações de poder. Segundo a concepção de Foucault (2012) é exercido um poder sobre os corpos dos indivíduos, esse poder tem por objetivo controlar e até mesmo reprimir. O controle começa por discursos, considerados certos, vindos do Estado, das famílias, escolas e igrejas, tal discurso é passado de geração em geração, moldando as formas de pensar e agir. Esse controle sobre o corpo feminino o torna vulnerável a sofrer violência, uma vez que a sociedade apresenta discursos de submissão em relação às mulheres e, por serem historicamente aceitos como verdades, as próprias mulheres, partes e sentidos desta cultura, vivem esta realidade sobre seus corpos, perpetuando um discurso que acaba sendo naturalizado (FOUCAULT, 2012; FOUCAULT, 2007)

A Relevância da Sororidade Feminina e o Potencial de Superação dos Traumas Oriundos da Violência

A palavra sororidade vêm sendo utilizada mais recentemente, entretanto, existe uma semelhante, a fraternidade, que tem o sentido de solidariedade entre irmãos. As duas vêm do latim, porém sóror corresponde a irmãs e *frater* a irmãos. A versão masculina da palavra é a que foi incluída primeiro, afinal a sociedade

patriarcal diz que apenas relações entre homens podem ser harmoniosas. A partir dos movimentos feministas, a palavra sororidade vem sendo bastante comentada, pois significa empatia e companheirismo entre as mulheres, uma união de irmãs. Ela tem um sentido importante nas lutas que buscam igualdade de gênero, pois sugere fortalecer a aliança entre as mulheres para que assim se possa lutar contra os discursos estereotipados que influenciam as atitudes machistas que oprimem as mulheres e naturalizam a violência.

As mulheres são persuadidas pelos discursos da sociedade a serem rivais, assim, são estimuladas a reproduzirem a violência contra outras mulheres a partir desses discursos, muitas vezes, sem perceberem o que estão fazendo, pois foram ensinadas dessa forma desde a infância. Logo, as lutas feministas vem tentando modificar isso através da promoção da sororidade, união entre as mulheres, “uma por todas, todas por uma”, para que seja possível fortalecer o combate contra esse sistema patriarcal que coloca a mulher como submissa, sujeita à violência e culpada quando vítima (CAMPOS, 2017; GARCIA, 2015; PENKALA, 2014).

É possível perceber a presença da sororidade na série, pois a personagem Jessica desiste de fugir e vai atrás de Hope, para salvá-la. Ela encontra Hope sozinha em um estado de completa submissão em uma cama de hotel, o mesmo em Jéssica se hospedava com Kilgrave quando sofria violência. Ela leva Hope à força para a sua casa, pois a mente de Hope estava sendo controlada por Kilgrave. Jessica não conhecia Hope, mas sabia que ela estava em perigo, então, resolveu ajudá-la. Quando Jessica conseguiu tirar Hope do hotel, a mente dessa personagem ainda estava sob o controle de Kilgrave e por isso ela mata seus pais, sendo posteriormente presa e culpada por homicídio. Jessica tenta ajudá-la, então vai visitá-la na prisão, aonde acontece o seguinte diálogo:

Cena 5:

Jessica: Parta do princípio. Hope, você foi a última pessoa a ver Kilgrave vivo. Ele lhe contou alguma coisa? Onde ele esteve? Por que ele voltou? Algo especial na aparência dele? Aonde ele a levou? Havia mais alguém lá? Maldição.

Hope: Você salta bem?

Jessica: Por quê?

Hope: Ele me fez saltar por horas, o mais alto possível. Era uma das minhas modalidades na escola. Salto em distância. Fiquei em segundo lugar no estado. Ele disse que eu nunca fui tão boa quanto você. Meu irmão está sozinho agora. Ele tem doze anos.

Jessica: Não é sua culpa.

Hope: Eu sei. É sua. Ele disse que você o deixou lá para morrer. Devia ter ficado para ter certeza.

(Fonte: Seriado Jessica Jones; Temporada 1; Episódio 2; 7 minutos e 27 segundos a 8 minutos e 48 segundos).

Mesmo Hope a culpando, como é perceptível na cena 5, Jessica a ajuda, a apoia e tenta, ao decorrer da série, provar a sua inocência com planos para derrotar Kilgrave. Com prendemos esse ato como sororidade, pois Jessica ajudou e protegeu uma mulher em perigo que não conhecia e que, além de tudo, a culpava, criou um “laço” com ela, ajudando-a a seguir em frente e a não desistir da sua liberdade, além de fortalecer a si mesma para derrotar Kilgrave. Enquanto Jessica tentava derrotar Kilgrave, ela recebeu apoio da sua amiga Trish, a pessoa que mais acreditou nos seus potenciais. A amizade das duas foi muito importante para que Jessica conseguisse vencer Kilgrave e superar o trauma que viveu, pois sempre teve dificuldade em aceitar que não era culpada pela violência pela qual passou, por conseguinte, afastava as pessoas de si, pensando que pudesse as colocar em risco.

Durante a série, Jessica começa a acreditar em si mesma e no seu poder, empoderando-se. Logo, ela descobre que Kilgrave não tem mais controle sobre ela e passa a não ter mais medo dele. Então ela vai atrás dele, com a ajuda de Trish, para derrotá-lo. No contexto da cena 6 e figura 3 o personagem Kilgrave tenta fugir em um iate, pois sabe que não consegue mais controlar Jessica e começa a ter medo que ela o derrote. Quando Kilgrave avista Jessica chegando perto para impedi-lo de ir embora, ele ordenou que as pessoas que estavam ali sob o seu controle se matassem, pois sabia que Jessica iria tentar impedir isso. Trish estava com fone de ouvido para não escutar Kilgrave, assim, ele não a controlaria, entretanto, seus fones caíram no chão. Jessica percebe que a melhor forma de ajudar a todos é derrotando Kilgrave, então vai na sua direção. Nesse momento, ele grita para todos pararem, e então controla a mente de Trish. Jessica finge ser controlada nesse momento também. Kilgrave desconfia que Jessica está mentindo para ele, então diz que irá levar Trish (Patsy) junto

quando fugir, para testar se Jessica, realmente, está controlada.

Cena 6:

Kilgrave: Sempre a maldita heroína, né? Esperta. Fingindo me dar o que eu quero. O que eu esperava. Nossa é tentador acreditar nisso. Andei pedindo o impossível de você. Vejo isso agora. Queria que me amasse. Mas você nunca amou ninguém. Nem é capaz disso. Com uma exceção. Venha aqui, Patsy.

(Trish vai para perto dele).

Kilgrave: Você faria tudo para protegê-la, não? É, talvez eu tenha escolhido a irmã errada. Pela sua perspectiva, eu a estarei estuprando todos os dias. Minha pele estará tocando a dela. Ela será meu brinquedinho. Será minha escrava. E na mente dela, ela estará morrendo, não é verdade? Estamos partindo.

(Nesse momento, Kilgrave segura a mão de Trish e a leva na direção do iate.)

Kilgrave: Se Patsy ou eu tivermos notícias suas ou a virmos, ou virmos alguém parecida com você, ela cortará a própria garganta. É a contingência maior. Me beije, pra valer.

(Nesse momento, Trish beija ele. Ele olha para Jessica e vê que ela não se move).

Kilgrave: Nossa, é verdade, não é? Você me deixaria levar a sua adorada irmã. Meu Deus. Finalmente acabou, você é minha agora. Chega de brigas. Chega dessas demonstrações horríveis. Ficará comigo agora. Olhe, depois de um tempo, demore o quanto demorar, eu sei... Sei que vai sentir o mesmo que eu, Vamos começar com um sorriso.

(Jessica sorri nesse momento).

Kilgrave: Diga que me ama.

(Jessica desvia o olhar de Kilgrave e olha para a sua amiga).

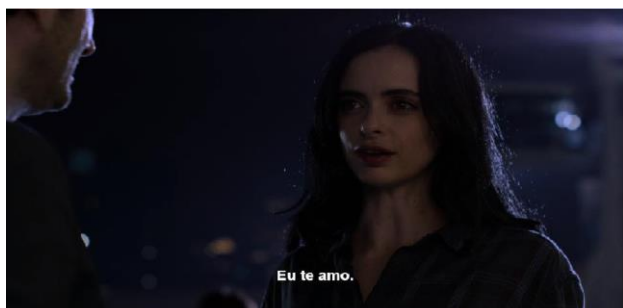
Jessica: Eu te amo.

(Fonte: Seriado Jessica Jones; Temporada 1; Episódio 13; 38 minutos e 19 segundos a 41 minutos e 51 segundos).

A figura 3 mostra o momento em que Jessica desvia o olhar de Kilgrave e diz “eu te amo” para a sua amiga, como mostra a cena 6. Ficam evidenciados no seu rosto o sentimento e o carinho que sente por Trish, a amiga que lhe deu coragem para enfrentar Kilgrave e para seguir em frente, superando o seu trauma. A trilha sonora, nesse momento, colabora para deixar a cena mais emocionante e evidencia a importância de uma amizade entre duas mulheres. Ao seguir dessa cena, após dizer “eu te amo”, como mostra na cena 9, para sua amiga, ela olha novamente para Kilgrave, então, segura seu pescoço e o mata, afinal, seu superpoder é de força. Nessa cena é passado para o telespectador o sentimento

de esperança como se fosse uma “metáfora” de que ela conseguiu superar o trauma que viveu e, finalmente, conseguirá seguir em frente.

Figura 3 – Sororidade entre amigas.



A amizade entre as personagens Jessica e Trish é um exemplo de sororidade, pois Jessica estava passando por um momento difícil em sua vida, havia sido violentada e isso lhe causou consequências, mesmo depois de sair do relacionamento abusivo. Trish foi quem a apoiou e a fez acreditar em si mesma e que não era culpada pelo que aconteceu, sendo o Kilgrave, o homem que cometeu a violência, o único responsável.

Na cena 6, observamos que o personagem Kilgrave tenta ofender Jessica, dizendo-a que ela nunca amou ninguém e que não seria capaz de tal sentimento, como se isso justificasse o porquê de ela não o amar, para que assim se sinta melhor. Esse tipo de pensamento dos homens é influenciado pelos discursos estereotipados que colocam a mulher como submissa e o homem como a pessoa que decide. Tal discurso vem circulando na sociedade há bastante tempo, influenciado pela religião, Estado, famílias, escolas e sociedade em geral.

Assim, vão se construindo relações de poder o qual causa reações, seja de submissão ou luta contra ele. É possível vislumbrar isso no decorrer da série, pois a personagem Jessica teve um relacionamento abusivo e relação ao qual ela era submissa, só se libertando após acreditar no falecimento do seu abusador, Kilgrave. Quando ela descobre que ele está vivo, ela cria forças, com a ajuda de sua amiga, para lutar contra esse poder o qual ela passa a deter, mostrando que ninguém detém o poder o tempo todo, ele desloca-se. (SILVA, 2016; FOUCAULT, 2012).

A sororidade é um elemento muito importante nas lutas existentes contra o sistema patriarcal, visto que esse apoio cria forças para o empoderamento feminino, consequentemente, o combate contra esse sistema se fortalece, buscando-se, assim, a igualdade de gênero e o equilíbrio social. Por outro lado, um termo novo vem encontrando espaço e compreensão entre pesquisadoras e ativistas: a dororidade, termo trazido por Vilma Piedade e que nos possibilita a reflexão sobre as dores invisibilizadas que unem mulheres, em especial mulheres negras, vítimas culturais e históricas de um racismo que se diz velado, mas é escancarado cada vez mais no Brasil. São os encontros, dores e convergências invisibilizadas vividas pelas mulheres negras em um país doloroso, buscando trabalhar cada vez mais feminismo, racismo, branquitude, opressões e privilégios, por meio da interseccionalidade, o que fortalecerá todas as mulheres (PIEADADE, 2018; PIEADADE, 2018a, FRANCISCO, 2017)

Para que essa mudança ocorra é necessário que se mude a forma de pensar e agir da sociedade, e isso deve partir das mulheres, todas elas, afinal, não se deve esperar a solução do opressor. É importante que elas consigam perceber seu lugar na sociedade e a identificar situações banalizadas de opressão e violência, que por muito tempo passaram despercebidas (e que ainda passam) para que assim seja possível lutar contra elas e estabelecer a igualdade entre homens e mulheres, a qual é imprescindível para diminuição da violência. (CAMPOS, 2017; GARCIA, 2015; PENKALA, 2014)

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo analisar como a violência de gênero foi abordada no seriado Jessica Jones e como a série pode contribuir com a temática no âmbito da saúde, em especial no âmbito da violência de gênero. O seriado Marvel Jessica Jones é uma série de super-heroína a qual apresenta uma mulher como personagem principal detentora do superpoder de força, algo impensado até pouco tempo atrás. Apesar de nas histórias em quadrinhos existirem mulheres super-heroínas, a participação dessas personagens em filmes ou seriados de maior alcance de público ainda é bastante insipiente, algo que vem mudando na última década. Filmes considerados blockbusters têm trazido cada vez mais protagonistas mulheres, heroínas, fortes,

articulando discursos das diferentes frentes do feminismo e colocando em cheque a histórica dominação masculina, haja visto Mulher Maravilha (DC Comics) e Capitã Marvel (Marvel)

Mesmo sendo uma super-heroína Jéssica parte de um contexto conhecido por muitas mulheres: a violência psicológica e social, aproximando personagem e realidade. A série permite, a partir desta aproximação, a discussão das inúmeras relações de poder existentes na sociedade, disseminadas por discursos estereotipados cada vez mais pela igreja, Estado, escolas, famílias e artefatos culturais, entre esses a mídia. São esses discursos que influenciam em como é esperado socialmente ser mulher e homem, podendo gerar a violência, mesmo em mulheres super-poderosas. Ao contrário do homem, que é considerado aquele que detém a força, que domina e possui a sexualidade aflorada, sendo ligado a atividades públicas, as mulheres ainda são percebidas por grande parte da sociedade como submissa, conectada a atividades maternas e domésticas, dissociando o seu ser e estar no mundo de um exercício de poder e liberdade. Logo, é dado ao homem o poder de fazer o que desejar, mesmo que seja usurpar o corpo de outrem, neste caso, de uma mulher.

A mídia inspira no modo de ser e estar na sociedade, podendo contribuir para a repercussão dos discursos estereotipados ou combatê-los. Assim, é possível perceber a relevância de se discutir esse tema a partir de uma série com representatividade feminina, visto que ela é destinada ao público jovem e adulto, podendo influenciar no modo de pensar o que significa ser mulher na sociedade e como combater o sistema patriarcal que vem oprimindo as mulheres e banalizando a violência. Existir super-heroínas, com sofrimentos aproximados aos das mulheres reais, nos representa, nos inspira, nos impulsiona para a mudança e, em especial, nos impulsiona para a sororidade enquanto possibilita a reflexão social.

Como profissionais em uma universidade de ciências da saúde, pensar em estratégias de reflexão sobre o tema da violência que inspire e impulsiona a participação colaborativa dos discentes é um desafio. Escolhermos essa proposta de trabalho e pesquisa e defende-la frente às condutas duras e metodologias biomédicas foi

intensamente difícil, por vezes violenta, mas os resultados nos apontam sobre a relevância destas oportunidades de reflexão, em especial quando aproxima os públicos adulto e adultos jovens, numa linguagem parecida e inclusiva. É possível pensar justamente na utilização de dispositivos midiáticos, tais como um seriado da cultura *pop*, para trabalhar com esses sujeitos, transformando personagens, relações e experiências fictícias em debates reais sobre a sociedade e, neste caso, sobre algo que atinge a saúde e qualidade de vida das mulheres.

Entendemos que possibilitar um espaço de diálogo e pesquisa comprometido com o social e que aproxime os públicos é não apenas uma metodologia pedagógica inclusiva, mas uma nova forma de reflexão sobre as interseccionalidades que transcendem o setor saúde. Pensar nos potenciais deste debate sobre a violência contra as mulheres, instituindo artefatos culturais e midiáticos próximos dos sujeitos, em especial o universo da cultura *pop* moderna, é também uma estratégia de luta, a qual permite o entendimento de que todos os discursos que nos cercam são sim históricos e potencializadores de mudanças. Inclusive aqueles via *streaming*.

Entendemos como imprescindível que profissionais de saúde saibam identificar os casos de violência e como prosseguirem nos encaminhamentos, trabalhando o empoderamento das mulheres para que elas consigam romper com o ciclo de violência. Além disso, muitos estudantes são jovens-adultos, grupo para o qual é destinada a série, tornando relevante sua utilização para propiciar uma reflexão do tema com profissionais da área da saúde, ajudando na construção de opiniões a respeito do que é ser mulher na sociedade e a importância disso na prevenção da violência de gênero.

Gostaríamos de destacar aqui o trabalho organizado pelo Núcleo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Saúde, realizado em nossa universidade e que serve de exemplo para esta questão: “*Cine Gênero & Sexualidade*”, o qual utiliza o cinema como espaço de debate e discussão sobre diversos temas, dentre eles as questões envolvendo mulheres, sexualidade e direitos humanos. Esta é uma iniciativa que exemplifica perfeitamente o que está sendo discutido neste manuscrito: a utilização inteligente, criteriosa, reflexiva

e comprometida de dispositivos da cultura midiática e popular na discussão e no estudo de temas relevantes socialmente. Saber que a universidade possui esses espaços abertos a toda comunidade, acadêmica ou não, nos possibilita justamente afirmar que são possíveis esses encontros entre saúde, sociedade e mídia no contexto do ativismo multicultural.

Este trabalho analisou imagens, cenas e características referentes ao seriado *Marvel Jéssica Jones*, em virtude do conteúdo referente à violência contra a mulher contido nele, sem, no entanto, levar em consideração a opinião, impressão ou compreensão do público que assistiu a este programa, o que poderia contribuir com os resultados aqui encontrados em estudos futuros. A partir da compreensão da relevância desta discussão, sugerimos que mais pesquisas relacionadas ao tema da violência contra a mulher e o uso de dispositivos midiáticos no enriquecimento destes debates na esfera da saúde sejam realizadas, bem como sua utilização na formação de profissionais de diversas áreas.

Ressaltamos que este trabalho teve o compromisso social de debater e proporcionar uma reflexão a respeito do tema violência contra a mulher, tão necessário nos dias atuais, os quais os direitos das mulheres nos parecem bastante ameaçados. Compartilhar estes resultados, através de publicações, tanto em periódicos científicos como em mídias sociais, tornou possível levar nossa reflexão a um maior número de pessoas. Isso por que acreditamos na pesquisa como forma de ativismo social, o que faz da ciência um dispositivo de luta, de reivindicação e de defesa da vida de todos, todas e todes.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BACCEGA, Maria Aparecida; ABRÃO, Maria Amélia Paiva. A violência doméstica representada na

telenovela a regra do jogo. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 1(1): 109-118, 2016.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2): 449-469, 2014.

BLOEDOW, Aline Maria Ulrich; GUIZZO, Bianca Salazar. Representações de mulheres no quadro *Mulheres Papáveis* do programa *Pânico na Band*. *Rev. Humanidades*, 30(1): 115-133, 2015.

BORGES, Amanda Barbosa. *A Importância da Trilha Sonora na Composição Emocional dos Filmes*. Dissertação (monografia). (Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas) Comunicação Social, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013. 50p.

BRASIL. *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CAMPOS, Agnes Barros; OLIVEIRA, Nathália Marques de. Resenha do livro "Estudos Feministas por um Direito menos Machista", de Aline Gostinsky e Fernanda Martins. *Revista Culturas Jurídicas*, 4(7), 2017.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.

DANTAS, Heloisa de Souza; ANDRADE, Arthur Guerra de. Comorbidade entre transtorno de estresse pós-traumático e abuso e dependência de álcool e drogas: uma revisão da literatura. *Rev. Psiq.*, São Paulo, 35(Supl 1): 55-60, 2008.

DUARTE, Maiara Cardoso; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da; SOUZA, Vânia de; PENA, Érica Dumont. Gênero e violência contra a mulher na literatura de enfermagem: uma revisão. *Rev Bras Enferm.*, Brasília, 68(2): 325-332, 2015.

FELIPPE, Andreia Monteiro; JESUS, Sara Rodrigues de; SILVA, Yury Vasconcellos da; LOURENÇO, Lélío Moura; GRINCENKOV, Fabiane Rossi dos Santos. Violência praticada pelo parceiro íntimo e o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). *Revista Psique*, Juiz de Fora, 1(2):95-111, 2016.

FLACSO. *Consumo de bebidas alcoólicas no Brasil. Estudo com base em fontes secundárias*. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2012.

FOUCAULT, Michael. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Ed. São Paulo, 2012.
- FRANCISCO, Mônica. *A dororidade e a dor que só as mulheres negras reconhecem*. 2017. [online] Disponível em: <https://www.geledes.org.br/dororidade-e-dor-que-so-as-mulheres-negras-reconhecem/>. Acesso em 19 mar. 2019.
- FRIEDRICH, Fernanda. As Mulheres Seriadadas: Uma Breve Análise Sobre as Protagonistas Femininas nas Séries Brasileiras de Comédia. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação/XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro, 2015.
- GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 44(3): 991-1008, 2015.
- GOMES, Rilzeli Maria. Mulheres vítimas de violência doméstica e transtorno de estresse pós-traumático: um enfoque cognitivo comportamental. *Revista de Psicologia da IMED*, 4(2): 672-680, 2012.
- GUIMARÃES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicologia & Sociedade*, 27(2): 256-266, 2015.
- JOLY, Martine. *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Ed. 70, 2007.
- HATZENBERGE, Roberta; LIMA, Ana Paula Vicari Rojas; LOBO, Beatriz; LEITE, Letícia; KRISTENSEN, Christian Haag. Transtorno de estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos em mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo. *Ciências & Cognição*, 15(2): 94-110, 2010.
- KESSLER, Ronald C.; SONNEGA, Amanda; BROMET, Evelyn; HUGHES, Michael; NELSON, Christopher B. Posttraumatic stress disorder in the National Comorbidity Survey. *Arch Gen Psychiatry*, 52(12):1048-1060, 1995.
- KYRILLOS, Gabriela de Moraes; ALMEIDA, Larissa Floriano. Mídia: uma ferramenta a favor ou contra a redefinição das características de gênero? *Revista Habitus – IFCS/UFRJ*, 8(2):88-103, 2010.
- LAHNI, Cláudia Regina; AFONSO, Juliana Neves. Publicidade e relações de gênero: nos 40 anos do Ano Internacional da Mulher, reflexões a partir de anúncio da Heineken. *Rev. Estud. Comun*, Curitiba, 17(42):71-85, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*. Lisboa: Porto Editora, 2000.
- MAGALHÃES, Joanallra Corpes. Gênero e ciência: analisando alguns artefatos culturais. Suplemento Exedra. *Sexualidade, gênero e educação*. 2014.
- MARVEL. *Jones, Jessica*. [online] Disponível em: http://marvel.com/universe/Jones,_Jessica Acessado em: 13 ago. 2016.
- MENEZES, Paulo Ricardo de Macedo; LIMA, Igor de Souza; CORREIA, Cíntia Mesquita; SOUZA, Simone Santos; ERDMANN, Alacoque Lorenzini; GOMES, Nadirlene Pereira. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. *Saúde Soc*, São Paulo, 23(3): 778-786, 2014.
- SOUZA, Célia Mendes de; VIZZOTTO, Marília Martins; GOMES, Miria Benincasa. Relação entre violência familiar e transtorno de estresse pós-traumático. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, 19(2): 222-233, 2018.
- MOURA, Mayara Águida Porfírio; BRAGA, Janaina Leite Barbosa; LEITE, Eliana Silva; SILVA, Juliana Gomes; LEITE, Juliana Silva. Motivação para o consumo de álcool entre adultos jovens em Teresina. *Interdisciplinar*, 6(1): 62-70, 2013.
- MOZZAMBANI, Adriana Cristine Fonseca; RIBEIRO, Rafaela Larsen; FUSO, Simone Freitas; FIKS, José Paulo; MELLO, Marcelo Feijó de. Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. *Rev Psiquiatr*, 33(1):43-47, 2011.
- MUNGIOLI, Artur Palma. Personagens Femininas nos Games: Um Estudo Sobre a Representação de Gênero. *4º Encontro de GTs - Comunicon*, São Paulo, 2014. [online] Disponível em: http://www3.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gtdois/GT02_Artur_Palma.pdf Acesso em: 20 jan. 2019.
- NASCIMENTO, Thayane Cazallas do; SILVA, Douglas Rosa da. Leituras e releituras da imagem feminina: análise das desconstruções de gênero no corpo do outro. *Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST. 2014. [online] Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso> Acesso em 20 jan. 2018.
- NATT, Elisângela Domingues Michelatto. CARRIERI, Alexandre de Pádua. É para Menino ou para Menina? Representações de Masculinidade e Feminilidade. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, 7(1): 109-131, 2016.

PASINATO, Wânia. Acesso à justiça e violência doméstica e familiar contra as mulheres: as percepções dos operadores jurídicos e os limites para a aplicação da Lei Maria da Penha. *Revista Direito GV*, São Paulo, 11(2): 407-428, 2015.

PENKALA, Ana Paula; PEREIRA, Lucas Pessoa; EBERSOL, Isabela. Arquétipos complexos de gênero em Game of Thrones: Daenerys nascida da tormenta, a puta, a guerreira, a mãe. *Paralelo 31*, 2: 166-187, 2014.

PEREIRA, Claudia da Silva; PENALVA, Germana Andrade. Nem todas querem ser Madonna: representações sociais da mulher carioca, de 50 anos ou mais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(1):173-193, 2014.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós. 2018.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade, o que é? O que pretende ser?*. 2018. [online] Disponível em: <https://www.meuvotoserafeminista.com.br/blog/dororidade-o-que-e-ou-que-pretende-ser> Acesso em 19 mar. 2019.

ROCHA, Simone Maria; SILVA, Vanessa R. de Lacerda e; ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. O lugar cultural das Séries Brasileiras no fluxo televisivo: consumo e produção na definição de um sub-gênero. *Líbero*, 16(31): 77-88, 2013.

SALVA, Sueli. RAMOS, Ethiana Sarachin. OLIVEIRA, Keila de. As relações de gênero: entre as fronteiras de masculinidades e feminilidades. IX ANPED Sul: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012. [online] Disponível em: https://www.uces.br/ucs/tplAnped2011/eventos/anped_sul_2012/programacao/AnpedSul_caderno_programacao.pdf Acesso em 20 jan. 2018.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino? *Trama Interdisciplinar*, 7(3): 127-140, 2016.

SOUZA, Flavia Bello Costa de; Drezett, Jefferson; MEIRELLES, Alcina de Cássia; RAMOS, Denise Gimezez. Aspectos psicológicos de mulheres que sofrem violência sexual. *Reprod Clim.*, 27(3): 98-103, 2013.

SCHESTATSKY, Sidnei; SHANSIS, Flávio, CEITLIN, Lúcia Helena, ABREU, Paulo; Simone, HAUCK. A evolução histórica do conceito de estresse pós-traumático. *Rev Bras Psiquiatr*;25(Supl I):8-11, 2003.

XAVIER FILHA, Constantina. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(2): 591-603, 2011.

ZILBERMAN, Monica L.; BLUME, Sheila B. Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. *Rev Bras Psiquiatr.*, 27(Supl 1): S51-5, 2005.